

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ÉDER JACKSON DOS SANTOS YABEL

O ESPAÇO DA MULHER NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
uma análise sobre o currículo real da Licenciatura em Ciências Sociais EAD UFRGS

Tramandaí
2023

ÉDER JACKSON DOS SANTOS YABEL

O ESPAÇO DA MULHER NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
uma análise sobre o currículo real da Licenciatura em Ciências Sociais EAD UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento Interdisciplinar do Campus
Litoral Norte da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Cátia Grisa
Co-orientadora: Yara Paulina Cerpa Aranda

Tramandaí
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Yabel, Éder Jackson dos Santos
O ESPAÇO DA MULHER NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS: uma análise sobre o currículo real da
Licenciatura em Ciências Sociais EAD UFRGS / Éder
Jackson dos Santos Yabel. -- 2023.
48 f.
Orientadora: Cátia Grisa.

Coorientador: Yara Paulina Cerpa Aranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais,
Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Gênero. 2. Campo. 3. Currículo real. I. Grisa,
Cátia, orient. II. Aranda, Yara Paulina Cerpa,
coorient. III. Título.

ÉDER JACKSON DOS SANTOS YABEL

O ESPAÇO DA MULHER NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
uma análise sobre o currículo real da Licenciatura em Ciências Sociais EAD UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento Interdisciplinar do Campus
Litoral Norte da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Cátia Grisa

Co-orientadora: Yara Paulina Cerpa Aranda

Conceito final:

Aprovado em de de

Banca Examinadora

.....
Professora Doutora Cátia Grisa
Orientadora

.....
Professora Doutora Sílvia Lima de Aquino
Membra da Banca

.....
Mestre Natana Alvina Botezini
Membra da Banca

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos dirigem-se àqueles/as que ainda acreditam e que se dedicam em fazer uma educação pública de qualidade no Brasil.

Ainda, dedico este trabalho à minha mãe Idione Maria dos Santos (*in memoriam*) que, mesmo impedida de avançar nos estudos para além das séries iniciais, não poupou esforços em construir em mim a ideia de que o/a professor/a é uma das pessoas mais importantes que temos na vida.

RESUMO

Os estudos sobre gênero ganharam espaço no campo acadêmico, sobretudo, a partir dos anos 1970, estimulados pelos movimentos feministas daquela década. A compreensão das desigualdades socialmente construídas acabou por adentrar a Universidade e implicou no reconhecimento de que a ciência e, notadamente, os currículos ainda eram um lugar adverso à presença de mulheres. A partir desta premissa, objetivava-se investigar o espaço dedicado à contribuição de autoras de Ciências Sociais no currículo real do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRGS, modalidade ensino a distância, destacando a proporcionalidade garantida nas diversas áreas de conhecimento que conformam o campo, bem como os instrumentos (publicações, artigos, audiovisuais etc.) pelos quais a construção do espaço feminino foi mais efetiva. A investigação recorreu, na tipologia qualitativa, à técnica da pesquisa documental para análise de todo o acervo de materiais disponibilizados ao longo da trajetória de formação, sendo operacionalizados os registros e as relações com o suporte de sistema eletrônico de banco de dados relacional. Os resultados obtidos sugerem que, historicamente, há um desequilíbrio entre os gêneros na ocupação dos espaços no campo, com melhor acesso às mulheres no componente de Antropologia, bem como os artigos acadêmicos despontam como instrumento mais acessível ou de preferência das autoras para a produção acadêmica. Também há sugestão de que o enfoque demasiado em autores/as clássicos/as pode dar causa à percepção de ausência do gênero feminino que, embora presentes, ainda são (as autoras) pouco mobilizadas.

Palavras-chave: gênero, campo, currículo real

ABSTRACT

Gender studies have gained space in the academic field, especially since the 1970s, stimulated by the feminist movements of that decade. The understanding of socially constructed inequalities ended up entering the University and implied the recognition that science and, notably, curriculum were still an adverse place for the presence of women. From this premise, the objective is to investigate the space dedicated to the contribution of authors of the Social Sciences in the real curriculum of the Degree in Social Sciences at UFRGS, distance learning modality, highlighting the guaranteed proportionality in the different areas of knowledge that make up the field, as well as the instruments (publications, articles, audiovisuals, etc.) through which the construction of the feminine space was more effective. The investigation resorted, in the qualitative typology, to the documentary research technique to analyze the entire collection of materials made available throughout the training trajectory, with the records and relationships being operationalized with the support of an electronic system of relational database. The results obtained suggest that, historically, there is a gender imbalance in the occupation of spaces in the field, with better access to the Anthropology component, as well as articles emerging as the most accessible instrument or preferred by the authors for academic production. There is also a suggestion that too much focus on classical authors can give rise to the perception of the absence of the female gender who, although present, the authors are still little mobilized.

Keywords: gender, *campus*, curriculum in use

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Retrato da 5ª Conferência de Mecânica Quântica, Solvay, 1927.....	12
Quadro 01 – Categorias de análise e agrupamentos	17
Quadro 02 – Categoria de análise gênero, agrupamentos e descrição	17
Gráfico 01 – Inventário das unidades de análise observadas no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	26
Tabela 01 – Inventário das unidades de análise observadas no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	26
Gráfico 02 – Histórico da presença feminina nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	27
Tabela 02 – Histórico da presença feminina nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023	27
Gráfico 03 – Histórico da presença feminina nos materiais das Ciências Sociais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	28
Tabela 03 – Histórico da presença feminina nos materiais das Ciências Sociais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	29
Gráfico 04 – Participação feminina nos materiais, por núcleo de formação, observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	29
Tabela 04 – Participação feminina nos materiais, por núcleo de formação, observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	30
Gráfico 05 – Presença feminina por tipo de material observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023	31
Tabela 05 – Presença feminina por tipo de material observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023	31
Gráfico 06 – Participação por tipo de material utilizado por autoras nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023	32
Tabela 06 – Participação por tipo de material utilizado por autoras nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023	32
Gráfico 07 – Referência a autoras em materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	33
Tabela 07 – Referência a autoras em materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	34

Figura 02 – Autores/as mais referenciados/as nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	35
Tabela 08 – Total de referências a/à autores/as nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	36
Gráfico 08 – Total de referências por século e década nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ELEMENTOS CONCEITUAIS PARA ANÁLISE	19
2.1.	O Gênero	19
2.2.	O Campo	21
2.3.	O Gênero na Universidade	22
2.4.	O Currículo REAL	23
3	RESULTADOS DA PESQUISA	25
3.1.	Inventário.....	25
3.2.	Análise.....	27
4	CONCLUSÕES	38
5	REFERÊNCIAS	42
6	ANEXOS	45
6.1.	Anexo A – Componentes Curriculares	45
6.2.	Anexo B – Núcleos Curriculares	46

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desenvolve-se dentro da perspectiva dos estudos de gênero e tem por *locus* o meio acadêmico. A temática que orienta este trabalho é, portanto, a do gênero na Universidade. A partir do referencial teórico e da pesquisa empírica, pretende-se conhecer as possíveis causas de o espaço ocupado por autoras das ciências sociais ser tão reduzido – constatação da experiência concreta na trajetória de formação –, em relação ao gênero masculino, no desenvolvimento do currículo real do curso de licenciatura em Ciências Sociais do Campus Litoral Norte da UFRGS, transcorrido entre os anos de 2018 e 2023.

Assim delimitado, esse trabalho tem como objetivo geral investigar o espaço dedicado à contribuição de autoras das ciências sociais no currículo real do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, do campus Litoral Norte na modalidade EAD. Desse objetivo geral, delimitam-se três objetivos específicos, sendo eles: a) analisar a proporcionalidade garantida ao gênero feminino nos materiais, sobretudo os textos trabalhados nas diversas disciplinas; b) evidenciar as diferenças entre os campos de conhecimento que conformam as Ciências Sociais no que se refere ao tratamento dados às autoras; c) evidenciar por quais meios (publicações, audiovisual, revistas científicas etc.) a construção do espaço feminino foi mais efetiva.

Aventa-se, inicialmente, como hipótese da relativa ausência de autoras o fato de haver enfoque demasiado no pensamento clássico nas diversas áreas de saber, recorte histórico marcado pela negação do direito à educação para as mulheres. Ou seja, há uma distribuição não equilibrada de conteúdos disciplinares, com enfoque em teorias clássicas e, principalmente, nos pensadores precursores do campo de pesquisa em detrimento de abordagens mais contemporâneas, que poderiam ter melhor espaço reservado no currículo desenvolvido.

Sugere-se também como hipótese a possibilidade de as mulheres estarem, nas Ciências Sociais, construindo e galgando seus espaços por instrumentos que não sejam os mais clássicos e evidentes como, por exemplo, as teorias e os conceitos, meios que poderiam conferir maior notoriedade dentro do campo. Neste sentido, a elaboração não necessariamente teórica ou conceitual, especula-se, pode ter sido o caminho explorado com mais aproveitamento, todavia sem garantir a notoriedade merecida dentro dos respectivos espaços.

Em avanço, registra-se que o interesse nesta pesquisa em específico tem como ponto de partida a percepção, por vezes manifestada por discentes desta Licenciatura, mas

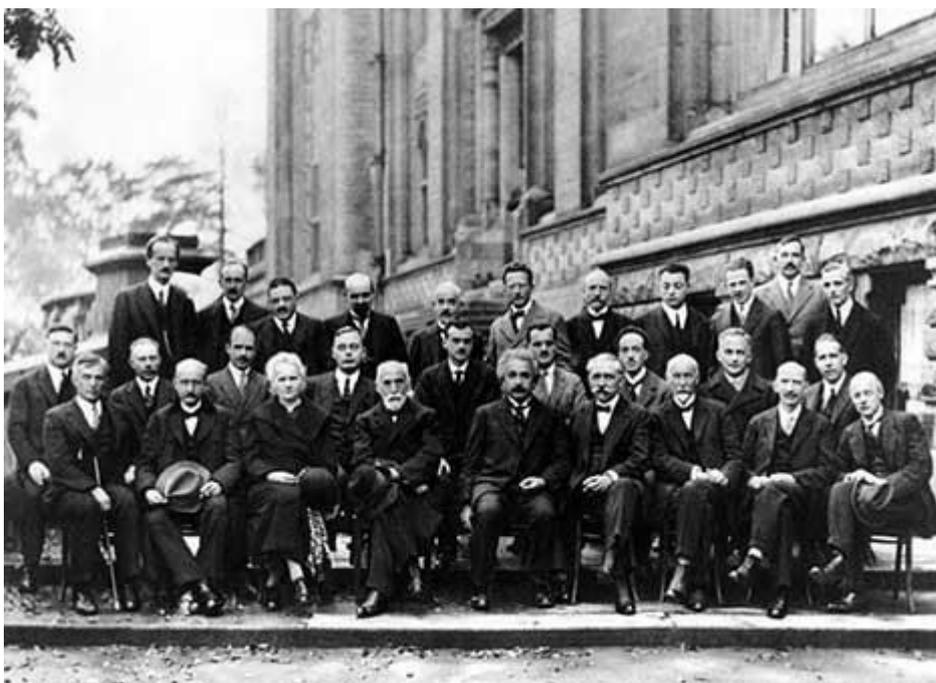
que também é pessoal, de que havia um evidente desequilíbrio entre os gêneros – sobretudo a predominância masculina – no que se refere aos materiais efetivamente estudados no transcorrer da formação. Em Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 60), sabe-se que “entre o estímulo que o meio fornece e a resposta do indivíduo, encontra-se o processo de percepção” e é sobre este alicerce que se assenta, inicialmente, este esforço de compreensão do currículo real.

Não é novidade para a academia que a presença da mulher na Universidade é bastante recente, pois foi somente a partir do século XX que se pode perceber mais nitidamente a construção do espaço das mulheres no campo das Ciências em geral. Ainda que presentes, todavia, as instituições ocidentais mais destacadas, sobretudo europeias, impunham restrições ao acesso até o passado recente, como bem pontuou Marías (1984, p. 56) quando diz que

As Universidades inglesas abrem-se às mulheres em fins do século passado [XIX], e não as principais: Oxford e Cambridge, já bem dentro de nosso século, e com contagotas. Na Europa, a presença normal da mulher nas Universidades é um fenômeno posterior à primeira Guerra. A transformação da mulher pelos estudos universitários é, pois, durante muito tempo um fenômeno americano.

É verdade, entretanto, que a despeito de todo o contexto desfavorável, ainda se pode evocar nomes de cientistas de destaque internacional como, por exemplo, o de Marie Skłodowska-Curie (1867-1934), notabilizada por isolar elementos químicos e pelos estudos sobre a radiação, cuja pesquisa lhe rendeu o primeiro Prêmio Nobel de Física em 1903, façanha repetida em 1911, mas em outro campo: Química. Ainda assim, uma presença isolada, como testemunha a Figura 01, que segue.

Figura 01 – Retrato da 5ª Conferência de Mecânica Quântica, Solvay, 1927.



Fonte: NobelPrize.org

Retrato da violência de gênero, a ausência na Universidade expõe, enquanto consequência flagrante, os percalços opostos historicamente ao gênero feminino. Tais obstáculos não se ativeram unicamente ao campo científico, mas se apresentaram nos mais variados aspectos da vida social, notadamente o ensino. Safiotti (2005), ao referir sobre o tradicional menor acesso das mulheres à educação, demonstra que

Este fenômeno marginalizou-as de muitas posições no mercado de trabalho. A exploração chega a ponto de os salários médios das trabalhadoras brasileiras serem cerca de 60% dos rendimentos médios dos trabalhadores brasileiros, embora, nos dias atuais, o grau de escolaridade das primeiras seja bem superior ao dos segundos (SAFIOTTI, 2005, p. 42)

Constatados tais fatos, reparar as injustiças históricas desponta como atividade necessária a ser abraçada por toda a comunidade acadêmica. Se hoje o diagnóstico é incontestável, as práticas na Universidade podem ainda estar aquém daquelas que efetivamente garantem o destaque merecido para as cientistas dos mais variados campos de pesquisa, sobretudo as cientistas sociais, a quem se dedica este esforço. Neste aspecto, as Ciências Sociais são o campo oportuno desta investigação, pois

tem o privilégio de poder eleger por objeto seu próprio funcionamento e, assim, de tornar conscientes os limites que se impõem à sua prática científica; ela pode, no caso, servir-se da consciência e do conhecimento que possui das suas funções e do seu funcionamento para tentar suprimir alguns dos obstáculos ao progresso da sua consciência e do seu conhecimento (BOURDIEU, 2002, p. 144).

É por esta senda, portanto, que se justifica, inicialmente, esta pesquisa, pois se pretende jogar luz, a partir da análise de material empírico, sobre a conformação e a presença do gênero feminino em um dos campos científicos. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para a reflexão da prática universitária sobre a temática, sobretudo o campo das Ciências Sociais que é afeita à crítica, mas que também deve ser, antes de tudo, o espaço em que essa contribua, verdadeiramente, para a reconfiguração de uma nova *práxis*, consciente.

Traz-se à baila também, enquanto justificativa para esta pesquisa, a experiência vivenciada no estágio docente, que proporcionou diversas possibilidades de coletas de dados para, além de conhecer a classe discente, elaborar intervenções didáticas relevantes ou, ainda, para proporcionar ao/à licenciando/a a identificação de lacunas de aprendizagem que mereciam um melhor desenvolvimento. A aplicação de um questionário a época revelou a pouca compreensão dos/as estudantes quanto ao gênero, sobretudo quanto à própria identidade.

As confusões avançaram para além das categorias sociais (sexo biológico, por exemplo) ou mesmo de orientação sexual. Para o cumprimento do questionário foi necessária a intervenção do estagiário, para que se pudesse fazer os esclarecimentos atinentes. Neste instante pode-se notar que o currículo acadêmico, até então transitado nesta Licenciatura, não contemplava as discussões sobre a temática e manifestou-se na dificuldade em esclarecer eficazmente as distinções entre categorias, mesmo que sociológicas.

A questão de gênero, portanto, firmou-se como interesse de tema de pesquisa por este caminho. Primeiramente, enquanto campo de fundamental importância para a formação do/a profissional docente; em segundo lugar, como temática que não apareceu nos currículos das mais variadas disciplinas de formação; e, em terceiro lugar, pela percepção de que, ao longo do curso, poucas foram as vezes que foi possível o debate a partir da perspectiva teórica construída por mulheres.

Metodologicamente, cabe referir, inicialmente, que esta pesquisa contempla a tipologia qualitativa, pois “os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p.57). Ademais, dentre outras especificidades, este estudo destaca o interesse em desvendar aspectos não flagrantes de posições de poder, neste sentido “ao apreender as perspectivas dos participantes, a

investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior” (BOGDAN; BIKLE, 1994, p. 51).

Também importante destacar que o tema de pesquisa se inscreve em determinado referencial teórico que, por conseguinte, orienta para determinada técnica de coleta de dados, ou seja, a pesquisa científica desenvolve-se de maneira coesa do princípio ao fim e referenciada por esforços semelhantes. Neste sentido, verifica-se que o instrumento mais apropriado para dar conta deste projeto, dentro das possibilidades de pesquisa qualitativa, é a pesquisa documental.

Antes, todavia, de explicitar a técnica é oportuno fazer algumas considerações a respeito do seu principal recurso: o documento. Como bem destacam Souza e Giacomoni (2021, p. 140), “um documento é algo que fica, é um testemunho. Além disso, é resultado de várias forças entrecruzadas que resultam na montagem de práticas. A história como prática social procura compreender estes fenômenos extraíndo sentidos para o seu entendimento” e complementam que

nenhum documento apresenta neutralidade, à medida que são compostos por especificidades e intencionalidades e, por esse motivo, sua apreensão como uma verdade absoluta é impossível, pois se faz necessário compreender o documento no contexto da conjuntura histórica em que foi produzido (LE GOFF, 2012 apud SOUZA; GIACOMONI, 2021, p. 141)

É um alerta importante e indica que, para além do documento per si, a atenção para o contexto de produção, ou mesmo para o de circulação, deve ser obrigatoriamente componente de análise nesta pesquisa, pois “documentos observados de forma isolada do contexto pesquisado, sem as relações, as conexões e os questionamentos teóricos, ou associados aos aspectos sociais, culturais, políticos ou econômicos também se tornam apenas um emaranhado de palavras” (SOUZA; GIACOMONI, 2021, p. 145).

Feitas as considerações pertinentes acerca dos documentos, está-se preparado para bem compreender as potencialidades da pesquisa documental cuja apropriação

visa estudar e analisar um ou vários documentos na busca de identificar informações factuais nos mesmos; descobrir as circunstâncias sociais, econômicas e ecológicas com as quais podem estar relacionados, atendo-se sempre às questões de interesse. (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015. p. 61).

Ou ainda, pode-se dizer que

a pesquisa documental é aquela em que os dados logrados são absolutamente provenientes de documentos, como o propósito de obter informações neles contidos, a fim de compreender um fenômeno; é um procedimento que utiliza de métodos e técnicas de captação, compreensão e análise de um universo de documentos, com bancos de dados que são considerados heterogêneo. (LIMA JR. *et al*, 2021, p. 42).

Ademais, é técnica que se caracteriza por “um intenso e amplo exame de diversos materiais, que não foram utilizados para nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando outras interpretações ou informações complementares, sendo essa busca feita por meio de documentos” (LIMA JR. *et al*, 2021, p. 40), ou seja, a pesquisa documental confere certa aura de autenticidade, posto que se apoia no ineditismo do material ou, pelo menos, do recorte de análise.

Por fim, quanto ao método, cabe ainda referir que a pesquisa documental, ao primeiro contato, parece ser aquela, frente às demais de sua tipologia – qualitativa –, mais simples, já que seu material de trabalho, em certa medida, está disposto inerte em acervo. Todavia, é necessário destacar que “o desafio a esta técnica de pesquisa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 57), ou seja, recai sobre o pesquisador, efetivamente, toda a responsabilidade de bem trabalhar o material, a fim de assegurar a consecução dos objetivos da pesquisa.

Neste estudo, a análise recai sobre todos os materiais eletrônicos disponibilizados ao longo do curso, ou seja, são objeto da pesquisa todos os arquivos de mídia digital que serviram para o desenvolvimento dos conteúdos dos componentes curriculares. Assim, artigos acadêmicos, livros digitais, *links* para documentos audiovisuais, bem como outros materiais ofertados compõem o *corpus* desta pesquisa.

Adverte-se que, em razão de se estar trabalhando como a ideia de currículo real, ou seja, aquele que efetivamente foi desenvolvido ao longo do curso, ficam excluídas deste esforço as análises sobre as informações constantes nos Planos de Ensino, visto que as bibliografias lá contidas não necessariamente foram desenvolvidas ou mesmo disponibilizadas no transcorrer da Licenciatura. Da mesma forma, as ementas de cada componente curricular não são objeto deste estudo.

A pesquisa documental, neste estudo, visa registrar elementos que estão acessíveis no próprio corpo do estudo, mas também aqueles que demandam investigação do contexto de elaboração do documento, ou seja, para além do texto e do audiovisual. Busca-se, portanto, conhecer os dados sobre os dados, ou seja, os metadados de cada um dos materiais coletados como, por exemplo, ano de publicação, formato de publicação, local, autores etc.

Neste sentido, “o metadado mapeia as relações administrativa e documentária de um documento eletrônico dentro do sistema de gerenciamento, durante o seu ciclo vital,

fornecendo parte do contexto e da estrutura desse documento [...] (RONDINELLI, 2002, p.476). Tem, portanto, excepcional função, pois os

metadados fornecem o contexto para entender os dados através do tempo. Metadado é dado associado com objetivos que ajuda seus usuários potenciais a ter vantagem completa do conhecimento de sua existência ou características. Metadados é o instrumental para transformar dados brutos em conhecimento. (IKEMATU, 2001, p.26)

A simples coleta, todavia, não é bastante. Para armazenagem e gerenciamento dos dados, a pesquisa foi operacionalizada com a utilização de um sistema gerenciador de banco de dados, que se refere a

uma coleção de programas que permite aos usuários criar e manter um banco de dados [...] é, portanto, um sistema de *software* de propósito geral que facilita os processos de definição, construção, manipulação e compartilhamento de bancos de dados entre vários usuários e aplicações (ELMAZRI; NAVATHE, 2003, p. 4)

Em complemento, referem os autores que "um banco de dados é uma coleção de dados relacionados. Os dados são fatos que podem ser gravados e que possuem um significado implícito [...] é uma coleção lógica e coerente de dados com algum significado inerente (ELMAZRI; NAVATHE, 2003, p. 4).

A modelagem do banco de dados que melhor atende o propósito da pesquisa é o relacional, pois permite estabelecer associações entre duas ou mais entidades - objeto do mundo real ou um conceito (Elmazri e Novathe, 2003) – para conhecer as múltiplas dimensões, caracterizados pelos atributos, do objeto da pesquisa.

Quanto ao modelo escolhido – relacional –, destaca-se ainda que

foi introduzido por Ted Codd, da IBM Research, em 1970, em um artigo clássico (Codd, 1970) que imediatamente atraiu a atenção em virtude de sua simplicidade e base matemática. [...] representa o banco de dados como uma coleção de relações. Informalmente, cada relação se parece com uma tabela de valores ou, em alguma extensão, com um arquivo de registros plano (ELMAZRI; NAVATHE, 2003, p. 89)

A categorização dos dados é imprescindível para o adequado registro das informações coletadas. Ela, todavia, tem um caráter discricionário, ou seja, faz-se escolhas e renúncias, irremediavelmente, a fim de viabilizar a consolidação dos dados por características, atributos, etc. que permitam a leitura e compreensão do objeto estudado. Além, evidentemente, do recorte de gênero, que dá sentido a esta pesquisa, outras categorizações foram utilizadas, conforme tabela a seguir.

Quadro 01 – Categorias de análise e agrupamentos

Categorias	Agrupamentos	Exemplo
Tipo de documento	· Artigo	· Artigos acadêmicos publicados
	· Audiovisual	· Documentários, animações, <i>live</i> , filmes, programas de TV, seriados, videoclipes, cursos e/ou aulas, sítios de internet
	· Publicação	· Livros, capítulos de livros, revistas e/ou jornais periódicos, teses
	· Legislação	· Leis, documentos legais
	· Outros	· Verbetes, resenhas, entrevistas etc.
Orientação de leitura	· Obrigatório · Complementar · Alternativo	
Núcleos	Conforme anexo “B”	
Ano	· Publicação da edição · Publicação da 1ª edição	
Autor	Nome (SOBRENOME, Prenome)	
Local	· Cidade · País	

Fonte: pelo autor

Ainda, a respeito das categorizações de gênero optou-se pela fixação da centralidade do gênero feminino a fim de se evitar a indesejável, todavia incontornável, invisibilidade das demais construções de identidade. Desta forma, neste estudo, a partir do gênero feminino, ficam delimitados os seguintes agrupamentos:

Quadro 02 – Categoria de análise gênero, agrupamentos e descrição

Categorias	Agrupamentos	Descrição
Mulher	· Ausente	Quando somente há registro do gênero oposto ou outros
	· Presente (partícipe)	Quando há presença do gênero feminino e outro (oposto ou não)
	· Presente (exclusivo)	Quando há presença exclusiva do gênero feminino
	· Indeterminado	Para documentos cuja autoria seja inviável a identificação

Fonte: pelo autor

Feitas estas palavras introdutórias, informa-se que este trabalho segue uma organização em seções consecutivas, que busca apresentar o objeto e os resultados da

pesquisa. A próxima seção apresenta os elementos conceituais de apoio para a análise – gênero, campo, gênero na Universidade e currículo real. Os dados coletados e análises estão apresentados em seções que procuram evidenciar cada um dos recortes trabalhados na pesquisa. Por fim, as conclusões buscam responder ao problema da pesquisa.

2 ELEMENTOS CONCEITUAIS PARA ANÁLISE

Para o desenvolvimento da análise proposta nesta pesquisa, quatro elementos conceituais estão articulados a fim de enfrentar o problema proposto, quais sejam: gênero, campo, gênero da Universidade e currículo. Cada um deles é apresentado na sequência.

2.1. O GÊNERO

Este trabalho mobiliza, inicialmente, o conceito de gênero como principal instrumento analítico para o enfrentamento da temática de pesquisa proposta. Categoria social que é, o conceito em destaque não é inerte, determinado ou eterno; mas, ao contrário, uma construção que apresenta diversas configurações nas sociedades, no tempo, no espaço etc., pois “o conceito de gênero está intimamente atrelado à cultura de uma determinada sociedade, que coloca os papéis femininos e masculinos com suas diferentes ações e relações do que se espera que as pessoas de um determinado sexo realizem” (JUNQUEIRA, 2020, p. 157). Necessário, portanto, trazer um breve histórico do instituto da categoria de gênero a bem referendar esta pesquisa.

Antes de avançar, todavia, cabe esclarecer a diferenciação desta das categorias naturais, especialmente as do campo da biologia, sobretudo o sexo, que se refere estritamente a classificações que atendem parâmetros observáveis na anatomia humana. Essa proximidade implica, com certa frequência, confusão no debate social, já que “as sociedades imprimem uma naturalização dos papéis sociais e das relações de gênero a partir de suas ideologias relacionadas diretamente com o sexo [...]” (JUNQUEIRA, 2020, p. 157); ou seja, muitas das relações de gênero são socialmente interpretadas como de caráter natural.

De volta ao conceito, e sob o prisma histórico, “o termo gênero faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1995, p. 85), ou seja, o movimento feminista emergente dos anos 1970 teve fundamental importância em instituir o debate não somente no corpo social, mas adentrou a esfera acadêmica na década seguinte, influenciando notadamente as perspectivas de análise que se voltam para a tentativa de compreensão das desigualdades construídas sobre a diferença de sexo.

Neste sentido, gênero passou a constituir uma entidade moral, política e cultural, ou seja, uma construção ideológica, em contraposição a sexo, que se mantém como uma

especificidade anatômica (OLIVIERA e KNÖNER, 2005). Ademais, “o gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 89).

Se o afastamento, em geral, das Ciências Sociais das ideias de determinismo biológico é anterior a este movimento, o debate sobre a questão do gênero, entretanto, contribuiu sobremaneira para o distanciamento das interpretações advindas do mundo natural. Relacional, o gênero se constitui de marcador social da diferença e advoga que “o gênero feminino só se constrói em oposição ao gênero masculino e, nas diferenças, homens e mulheres se constroem juntos [...]. Portanto, o conceito de gênero implica um conceito de relação, uma vez que o universo das mulheres está inserido no universo dos homens e vice-versa (PRAUN, 2011, p. 57).

Esta relação, entretanto, é marcada historicamente pela ascendência masculina sobre a parcela do gênero contrário. Nem mesmo vultos das Ciências Sociais se abstiveram de formular a respeito, como se pode verificar na obra de Comte (2000), que pontuou que

toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (COMTE, 2000, p. 278)

A despeito disso, o início da emancipação feminina é datado do pós-Guerras, quando a necessidade de mão-de-obra para o mercado trabalho oportunizou a reconfiguração social e, além disso, a emergência de movimentos por igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Perpassado pela dimensão histórica, fixa-se enquanto referência neste estudo o entendimento de Scott (1995) para delimitar o conceito de gênero cujo:

núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995 p. 86)

Por fim, cabe referir também que gênero abarca uma multiplicidade de identidades possíveis, neste sentido importante o entendimento de Louro (1996) para quem a referida categoria analítica é

fundamentalmente como uma construção social - e, portanto, histórica - teríamos que supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não somente que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também, que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas conforme a classe, a religião, a raça, a idade etc.; além disso implicaria

admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo (LOURO, 1996, p. 10)

Ou seja, está-se diante de um conceito que contempla diversas matizes de um mesmo fenômeno social.

2.2. O CAMPO

Um segundo conceito que se precisa mobilizar para a consecução desta pesquisa é o de campo, que pode ser interpretado como “o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004, p. 20); ou seja, são estruturas sociais configuradas por aqueles que a conformam, ou melhor: “os agentes [...] criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram” (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Destaca-se que, dentro de um campo, há um certo modo determinado que orienta as ações dos seus agentes, mas que por eles é ajustada, ou seja, “é a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição” (BOURDIEU, 2004, p. 23), evidenciando que há também desigualdade na distribuição de poder internamente.

Em síntese, “há, portanto, estruturas objetivas, e além disso há, lutas em torno dessas estruturas. Os agentes sociais, evidentemente, não são partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo” (BOURDIEU, 2004, p. 28); mas, ao contrário, tem um certo grau de autonomia e disputam entre si posições de privilégio dentro daquele microcosmo social.

Neste ponto, traz-se a Universidade para a cena, pois os acadêmicos em geral bem como aqueles dedicados às Ciências Sociais conformam os seus respectivos campos e, como visto, determinam – e pelas relações objetivas entre si – são determinados. Neste sentido,

o campo científico é um microcosmo social, parcialmente autônomo em relação às necessidades do macrocosmo no qual se encontra inserido. É, num sentido, um mundo social como os outros e, à semelhança do campo econômico, conhece relações de força e lutas de interesses, coalizões e monopólios, e até imperialismos e nacionalismos [...] é também um mundo à parte, dotado de suas próprias leis e funcionamento (BOURDIEU, 2002, p. 144)

E complementa que

o rigor dos produtos científicos depende fundamentadamente do rigor dos limites sociais específicos que regem sua produção; ou, mais precisamente, do grau em que as regras ou as regularidades que governam o microcosmo científico e que determinam as condições nas quais as construções científicas são produzidas, comunicadas, discutidas ou criticadas, são independentes em relação ao mundo social, a suas demandas, a suas expectativas ou a suas exigências (BOURDIEU, 2002, p.145)

Se por um lado, Bourdieu (2002) esclarece sobre a estrutura e funcionamento das ciências, por outro alerta como podem operar, dentro das relações objetivas que conformam o campo, os mecanismos que promovem e perpetuam as desigualdades, pois

com efeito, o *working consensus* de uma ortodoxia fundada na cumplicidade social dos doutores tende a exercer uma censura social (disfarçada em controle científico), seja de maneira inteiramente direta, seja através de interdições, por vezes explícitas, em matéria de publicação e de citação; seja mais sorrateiramente, através de processos de recrutamento que — privilegiando, através do seu funcionamento em rede e do *lobbying*, critérios sociais mais ou menos maquilados em critérios científicos ou acadêmicos — tendem a reservar as nomeações para posições favoráveis à produção — e, por essa via, para a competição científica — a certas categorias de agentes definidos em termos puramente sociais, titulares de certos diplomas prestigiados, ocupantes de certas posições sociais no ensino ou na pesquisa, ou, ao contrário, **excluindo a priori certas categorias, como por exemplo, mulheres**, jovens ou estrangeiros (BOURDIEU, 2002, p. 151, grifo nosso)

Ou seja, para além das práticas atinentes à rotina propriamente acadêmica, as relações sociais dentro da Universidade, e até mesmo em determinado campo de pesquisa científica, podem reproduzir, conscientemente ou não, os fenômenos sociais que, ao que parece, atravessam as suas fronteiras.

2.3. O GÊNERO NA UNIVERSIDADE

A Universidade, portanto, também pode ser o *locus* da desigualdade engendrada, conscientemente ou não, por parcela dos seus agentes. De qualquer forma, não está ela alheia ao seu contexto social, e as transformações que tomaram corpo com os movimentos feministas já referidos adentraram o ensino superior.

Como marco referencial para analisar este campo, ou seja, a própria instituição acadêmica, recorre-se às contribuições sobre o gênero de Eva Alterman Blay. Em seus estudos afirma que

a Universidade, neste contexto, como parte integrante da sociedade não pode ter ignorado o conjunto de demandas sociais. Muitas vezes as investigações acadêmicas estão mais avançadas do que a sociedade requer, e a universidade tem um papel de proa. Outras vezes a universidade não responde ao que se passa na sociedade, pois ela tem seu próprio ritmo” (BLAY, 1991, p. 51)

É, talvez, neste descompasso – proposital ou não – que se pretende assentar esta pesquisa, que, em verdade, aponta para uma situação sobre a qual repousa pouca dúvida,

já que “o diagnóstico de que a mulher ocupava uma posição social subalterna e que havia desigualdade entre os gêneros foi o resultado da avaliação feita por inúmeros movimentos sociais, que se organizaram entre mulheres de diferentes condições socioeconômicas” (BLAY, 1991, p. 51) e, em complemento da mesma autora, traz essa constatação para o meio acadêmico, pois “a Universidade é um segmento da sociedade onde são encontrados elementos representativos de suas várias vertentes” (BLAY, 1991, p. 55).

Neste aspecto, cumpre também destacar que “a universidade é um fator influente na elaboração da imagem de gênero” (Silva et al. 1987 *apud* BLAY, 1991, p. 52), sobretudo enquanto espaço que, por muito tempo, foi de acesso exclusivo de homens. No Brasil, por exemplo, data de 1879 a primeira lei que permitiu às mulheres frequentarem cursos superiores, e de 1887 a notícia da primeira formatura de acadêmica brasileira. Influyente também a Universidade, quando

entre os docentes, são encontradas posturas ideológicas com relação à posição social da mulher e do homem na sociedade que, invariavelmente, influem sobre a “ciência” que realizam. Aqueles que não estão alertas para as discriminações de gênero não incluem a temática em seu trabalho, mesmo que ministrem disciplinas fundamentais para a compreensão da questão (BLAY, 1991, p. 55).

É sob este aspecto, essencialmente, que esta pesquisa busca elucidar, a fim de verificar, a partir da experiência concreta, se a práxis discriminatória ainda resta vigente e, caso contrário, quais foram os caminhos que melhor promoveram o pensamento social, dentro do campo acadêmico, de mulheres.

2.4. O CURRÍCULO REAL

Por fim, necessário ainda recorrer à compreensão do conceito de currículo. Sob o prisma etimológico, destaca-se que se trata de “um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado” (GOODSON, 2018, p. 49) que, sob a regência do seu idealizador, há o predomínio de sentido prescritivo, ou seja, o de determinar o percurso do aprendizado e, evidentemente, o conteúdo colocado à disposição.

Neste sentido, importante frisar que o currículo

guarda estreita correspondência com a cultura na qual ele se organizou, de modo que ao analisarmos um determinado currículo, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como, também, de que maneira aquela cultura prioriza alguns conteúdos em detrimento de outros (VEIGA-NETO, 2002, p. 44)

Ou seja, o currículo, para além da sua função social imediata, mantém uma relação interativa com a sociedade na qual se desenvolve. Esta relação, em verdade, é de caráter

reflexiva, já que “o currículo ajuda a construir/constituir a sociedade e a cultura ao mesmo tempo em que é por essas construído/constituído” (VEIGA-NETO, 2004, p. 166).

Dentre a sua multiplicidade de forma destaca-se o currículo real, que pode ser compreendido como “aquele que é efetivamente aplicado e desenvolvido pelo professor no cotidiano escolar, não pode ser desconhecido” (MOCELIN 2021, p. 64) e que se contrapõe à ideia de currículo ideal, “que é prescrito como parâmetro de uma área de ensino” (MOCELIN, 2021, p. 64). Tal distinção é necessária, pois a investigação concentra-se, sobretudo, na análise dos documentos distribuídos e não nos planos de ensino que cada disciplina formalizou.

Gênero, campo, gênero na Universidade e currículo são, portanto, os elementos teórico-conceituais que se procura articular, a fim de bem compreender o fenômeno social objeto desta investigação. Desta forma, a materialidade do currículo, expressa nos documentos disponibilizados no curso desta Licenciatura, serve de suporte, ou seja, o *corpus* sob o qual os demais conceitos mobilizados lançam luzes e promovem o entendimento e a reflexão desejados.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Os dados observados seguem dispostos nos subtítulos conforme os recortes analíticos utilizados para a compreensão do objeto. Os resultados, em grande medida, seguem apresentados na forma tabular, que é o tipo usual de apresentação de dados estatísticos, no qual se organizam os dados em intervalos para demonstrar a frequência observada de maneira resumida, ainda “as tabelas têm a vantagem de conseguir expor, sinteticamente e em um só local, os resultados sobre determinado assunto, de modo a se obter uma visão global mais rápida daquilo que se pretende analisar” (FALCO; MEDEIROS Jr., 2012, p. 23).

Também é utilizado como recurso a representação gráfica, pois possibilita sintetizar e comunicar ideias em forma de “desenho” visando maior clareza. Ademais, é uma forma útil e elegante de demonstrar características em análise. É um complemento em relação à representação tabular, anteriormente referida, sendo uma vantagem a de “possibilitar uma rápida impressão visual da distribuição dos valores ou das frequências observadas. Os gráficos propiciam uma ideia inicial mais satisfatória da concentração e dispersão dos valores, uma vez que através deles os dados estatísticos se apresentam em termos de grandezas visualmente interpretáveis” (FALCO; MEDEIROS Jr., 2012, p. 27).

Evidentemente, o esforço de compreensão não se esgota com as representações tabular e gráfica. Desta forma, as análises os acompanham buscando entender o fenômeno e, notadamente, responder os objetivos e hipóteses inicialmente formuladas. Antes, todavia, são apresentadas as informações mais detalhadas do inventário dos materiais utilizados, sobretudo os textos – publicações, artigos etc. – que foram analisados.

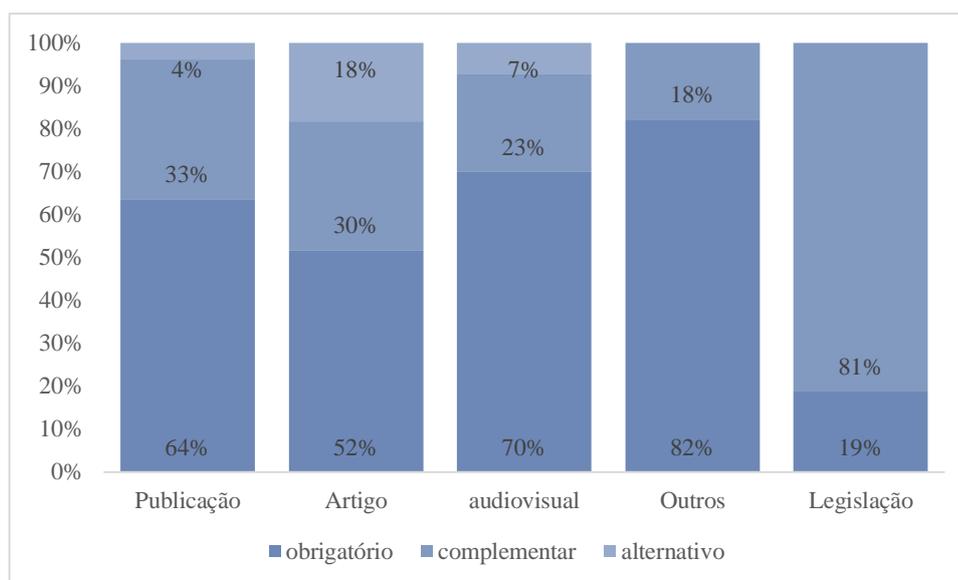
3.1. INVENTÁRIO

Durante os trabalhos de organização dos materiais, momento prévio à análise documental, foi possível constatar que se tratava de um acervo de, aproximadamente, 475 (quatrocentas e setenta e cinco) publicações singulares, ou seja, que mantinham clara distinção umas das outras. Da mesma forma, identificou-se em torno de 145 (cento e quarenta e cinco) arquivos, notadamente, *links* de acesso a registros de audiovisual, todos sem repetição entre si. A totalização, portanto, revela um acervo de 620 (seiscentos e vinte) documentos.

Todavia, neste trabalho foi considerada a relação “publicação-autor/a-disciplina” como unidade observada de análise, a fim de melhor conhecer o espaço conferido a cada autor/a nos currículos estudados. A opção por trabalhar com este arranjo, evidentemente,

implica que um/a mesmo/a autor/a possa apresentar-se mais de uma vez em um mesmo currículo (obra diferente), ou ainda que uma mesma obra possa apresentar-se mais de uma vez em currículos diferentes. Assim, apresenta-se na tabela que segue um breve resumo dos dados que são objeto da análise seguinte.

Gráfico 01 – Inventário das unidades de análise observadas no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 01 – Inventário das unidades de análise observadas no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

Ano	Obrigatório	Complementar	Alternativo	TOTAL	%
Publicação	199	102	12	313	43%
Artigo	105	61	37	203	28%
Audiovisual	116	38	12	166	23%
Outros	23	5	-	28	4%
Legislação	3	13	-	16	2%
	446	219	61	726	

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Note-se que diferentemente da totalização do acervo informado – 620 (seiscentos e vinte) arquivos – a análise recai, em verdade, sobre uma quantidade maior, ou seja, 726 (setecentas e vinte e seis) combinações, já que na delimitação dos espaços ocupados um/a autor/a e suas respectivas obras podem ser apresentados mais de uma vez. O Gráfico 01 e a Tabela 01, portanto, são a representação sintética dos dados sob as quais as análises doravante serão apresentadas.

3.2. ANÁLISE

O primeiro destaque desta pesquisa é o desenvolvimento histórico da presença do gênero feminino a partir da análise dos materiais utilizados em toda a Licenciatura. No gráfico a seguir estão dispersos, nos anos, o acumulado de documentos analisados. Registra-se que se optou pelo ano da primeira edição da obra, a fim de viabilizar o retrato histórico mais verossímil possível, pois se aloca na linha de tempo as produções independentemente do ano, ou mesmo o local, que o material utilizado foi editado.

Gráfico 02 – Histórico da presença feminina nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

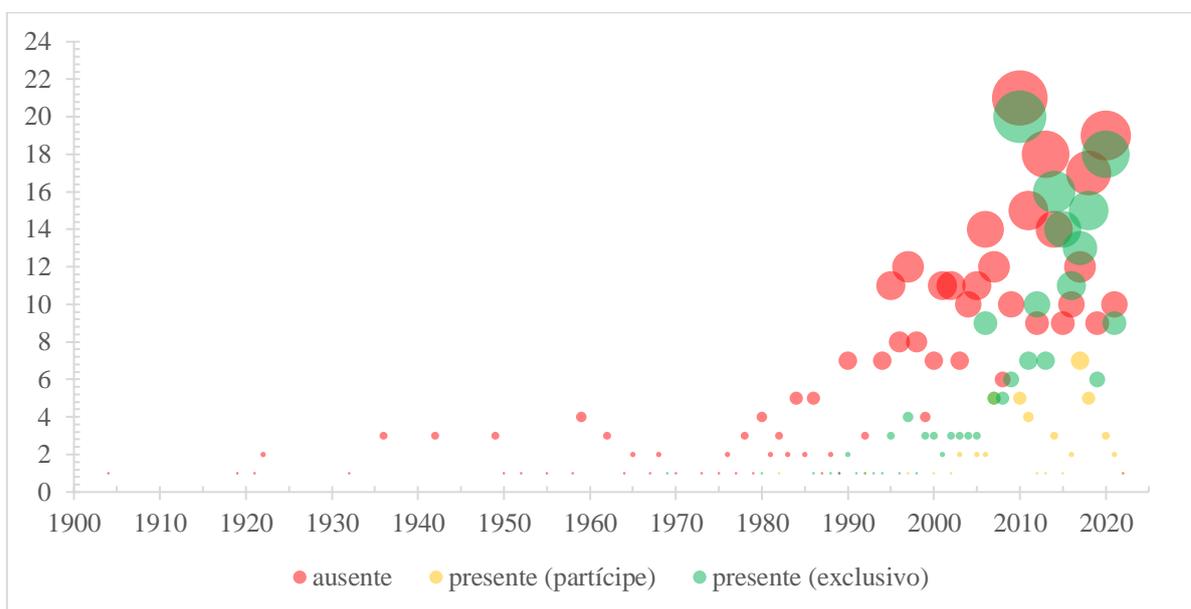


Tabela 02 – Histórico da presença feminina nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

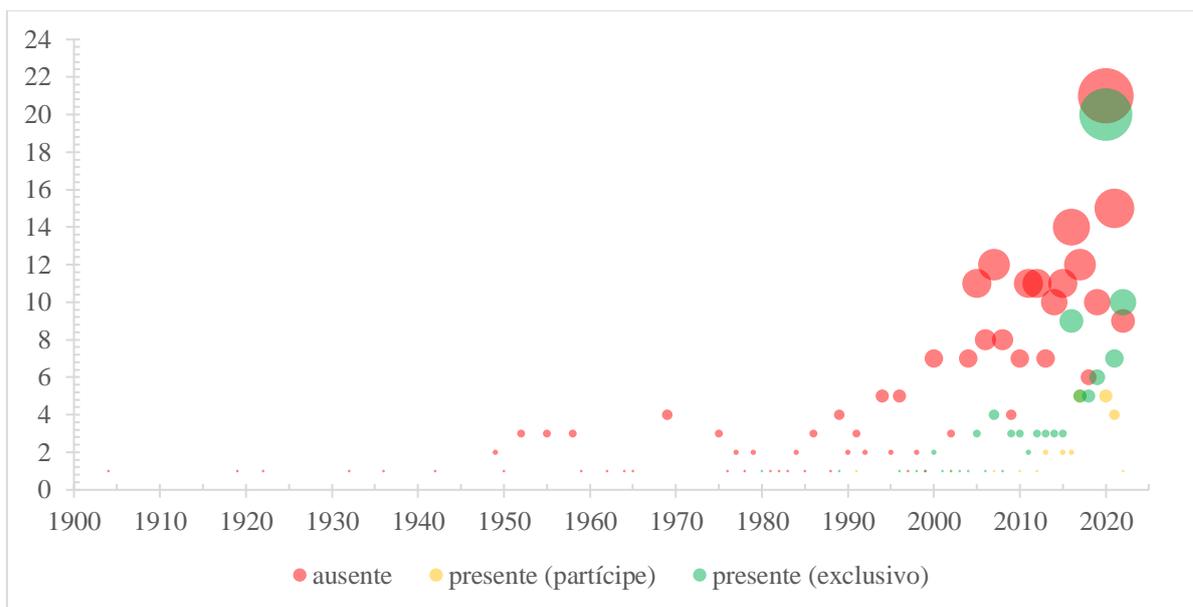
Ano	Ausente	Partícipe	Exclusivo	Indet.	TOTAL	Presente	%
até 1901	8	-	-	-	8	-	-
1901-1950	16	-	-	-	16	-	-
1951-1960	7	-	-	-	7	-	-
1961-1970	10	-	1	-	11	1	09%
1971-1980	13	-	1	-	14	1	07%
1981-1990	30	1	5	-	36	6	17%
1991-2000	60	3	19	5	87	22	27%
2001-2010	113	17	59	12	201	76	40%
2011-2020	132	27	117	35	311	144	52%
2021-2022	11	3	9	12	35	12	52%
	400	51	211	64	726	262	36%

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Nota-se que a ausência do gênero feminino na autoria dos materiais analisados é visível até meados da década de 1990, embora se registre que a primeira representante do recorte é de 1969 de autoria de Maria Sylvia de Carvalho Franco (Homens livres na ordem escravocrata). O mesmo gráfico ainda sugere que, em grande parte da história, há um visível desequilíbrio da presença feminina, sendo possível atestar que somente a partir da última década, sobretudo a partir de 2010, que a equivalência de pesos começa a se estabelecer.

A mesma análise também pode ser feita somente com os componentes curriculares que constituem o quadro das Ciências Sociais, já que o primeiro abrange todo o currículo do curso. No gráfico 03, que segue, a filtragem das disciplinas de Antropologia, de Ciência Política, de Sociologia, bem como das demais afetas às Ciências Sociais, demonstra uma variação significativa.

Gráfico 03 – Histórico da presença feminina nos materiais das Ciências Sociais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 03 – Histórico da presença feminina nos materiais das Ciências Sociais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

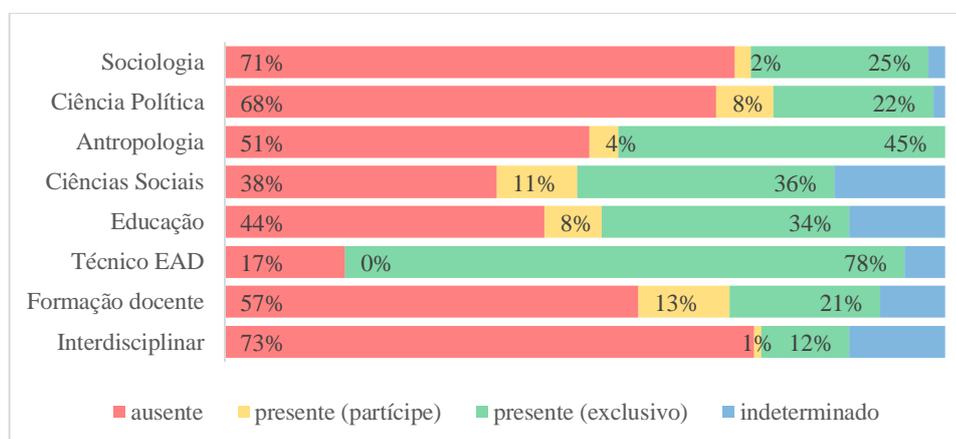
Ano	Ausente	Partícipe	Exclusivo	Indet.	TOTAL	Presente	%
até 1901	5	-	-	-	5	-	-
1901-1950	9	-	-	-	9	-	-
1951-1960	10	-	-	-	10	-	-
1961-1970	7	-	-	-	7	-	-
1971-1980	9	-	1	-	10	1	10%
1981-1990	16	-	1	-	17	1	06%
1991-2000	28	1	5	1	35	6	18%
2001-2010	60	3	19	3	85	22	27%
2011-2020	113	17	59	13	202	76	40%
2021-2022	24	5	17	1	47	22	48%
	281	26	102	18	427	128	30%

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Verifica-se, em comparação com o gráfico anterior, que há um predomínio da ausência do gênero feminino por um período de tempo maior, ou seja, há um relativo atraso de, aproximadamente, uma década. Somente em meados dos anos 2000 é que o volume começa a ser ligeiramente mais expressivo, embora insuficiente para contrapor a produção do gênero contrário. Percebe-se também que somente a partir da última década é que se pode falar em relativo equilíbrio neste recorte de análise.

Em avanço, os dois primeiros gráficos sugerem que poderia haver diferenças significativas dentro das áreas de saber, ou núcleos, implicando que a perspectiva mais geral (Gráfico 02) apresentasse um cenário menos desequilibrado que aquele observado nas Ciências Sociais (Gráfico 03). A fim de dirimir esta questão, no gráfico seguinte procura-se representar percentualmente a presença do gênero feminino por núcleo.

Gráfico 04 – Participação feminina nos materiais, por núcleo de formação, observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 04 – Participação feminina nos materiais, por núcleo de formação, observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

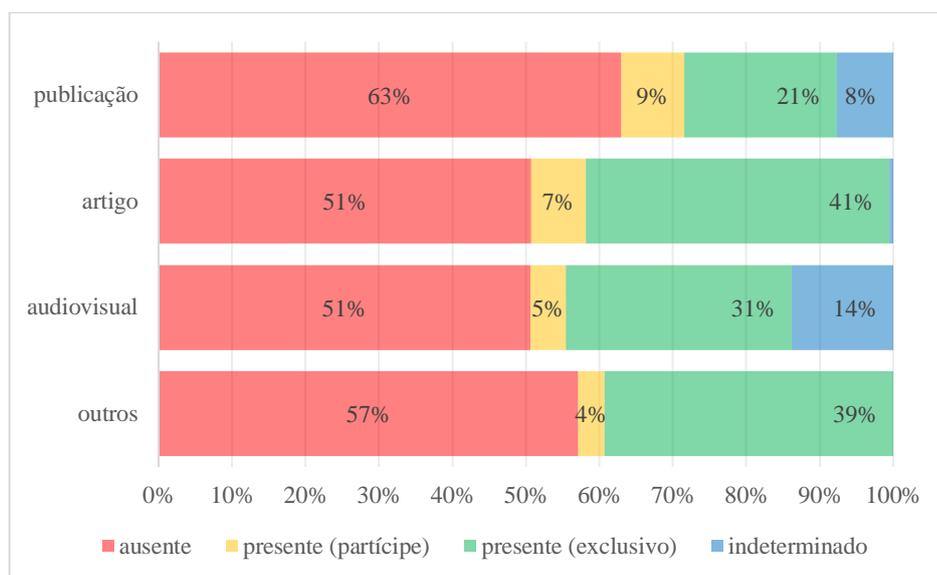
Ano	Ausente	Partícipe	Exclusivo	Indet.	TOTAL	Presente	%
Sociologia	63	2	22	2	89	24	27%
Ciência Política	43	5	14	1	63	19	30%
Antropologia	38	3	34	-	75	37	49%
Ciências Sociais	37	11	35	15	98	46	47%
Educação	67	12	52	20	151	64	42%
Técnico EAD	3	-	14	1	18	14	78%
Form. docente	77	17	28	12	134	45	34%
Interdisciplinar	72	1	12	13	98	13	13%
	400	51	211	64	726	262	

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

O primeiro destaque a se fazer a partir do Gráfico 04 é que o componente de Antropologia é aquele, dentro das Ciências Sociais, que apresenta a composição mais equilibrada entre os gêneros observada nesta pesquisa: 49% – 51%. Os demais componentes, Sociologia e Ciência Política têm 27% e 30%, respectivamente. Já em outros componentes das Ciências Sociais (não individualizados, conforme anexo B) a representação alcança 47%.

Em avanço, a análise por tipo de material pretendia conhecer por quais recursos disponíveis para a publicação de produções de perfil acadêmico a contribuição para a construção do espaço para o gênero feminino havia sido mais efetiva, ou seja, qual instrumento era o mais utilizado em comparação com os demais. O Gráfico 05 e a Tabela 05 representam a distribuição percentual da representação do gênero e a contagem, respectivamente.

Gráfico 05 – Presença feminina por tipo de material observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 05 – Presença feminina por tipo de material observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

Tipo	Ausente	Partícipe	Exclusivo	Indet.	TOTAL	Presente	%
Publicação	197	27	65	24	313	92	29%
Artigo	103	15	84	1	203	99	48%
Audiovisual	84	8	51	23	166	59	35%
Outros	16	1	11	16	28	12	42%
	400	51	211	100	726	262	

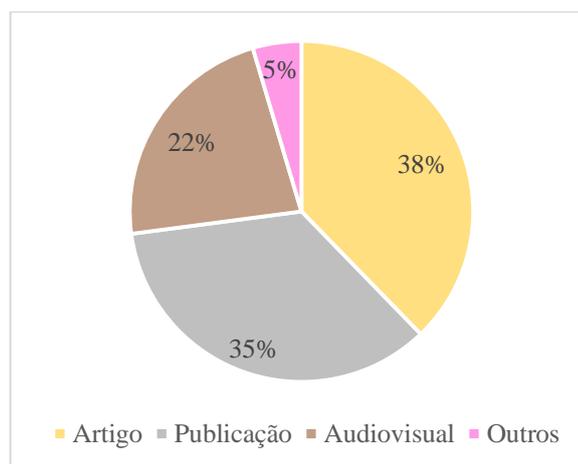
Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

A análise conjunta de ambas as representações acima permite identificar que os artigos acadêmicos formam os instrumentos que melhor garantiram a construção do espaço para o gênero feminino no curso que se analisa. Em verdade, pode-se dizer que há uma certa paridade neste tipo de documento, já que a presença tanto partícipe quanto exclusiva na produção registra um percentual de 49% do volume dentro do mesmo tipo de material analisado.

A segunda marca mais significativa é a registrada para os documentos audiovisuais, que alcançam 35%, embora inferior àqueles denominados como “outros” cuja contagem total não seja realmente tão expressiva – 28 documentos. As publicações, entretanto, são o espaço que reserva a menor contribuição para o gênero feminino, em torno de 29%. Esta informação é sobremaneira relevante, já que às publicações ainda se confere uma primazia em relação aos demais tipos enquanto fontes de estudo, de consulta ou mesmo para pesquisa acadêmica.

Com um recorte um pouco mais detalhado é possível identificar, dentro dos materiais utilizados nesta Licenciatura e que foram publicados por mulheres – de maneira exclusiva ou não –, o quanto cada um dos tipos segmentados representa no total de suas produções. As representações do Gráfico 06 e da Tabela 06, logo abaixo, detalham esta investigação.

Gráfico 06 – Participação por tipo de material utilizado por autoras nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 06 – Participação por tipo de material utilizado por autoras nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

Tipo	Presente	%
Artigo	99	38%
Publicação	92	35%
Audiovisual	59	22%
Outros	12	05%
	262	100%

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Percebe-se que o tipo de material “Artigo” é aquele que tem o maior peso dentre todos os que conformam a categoria analisada e, portanto, não é mero acaso a quase paridade entre gêneros anteriormente observada (Gráfico e Tabela 05), pois parece ser o instrumento, senão o preferido, de maior viabilidade para a inserção de mulheres no campo das Ciências Sociais. Cabe, todavia, ressaltar que a observação é restrita ao currículo observado.

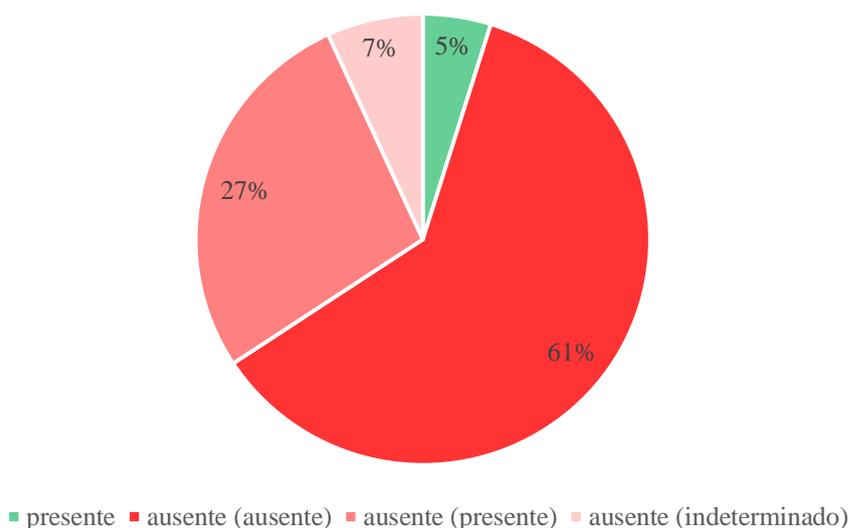
A classe “Publicação”, por seu turno, tem um peso equivalente àquele analisado anteriormente. São 92 (noventa e dois) documentos assim categorizados que representam aproximadamente 35% do total dos documentos. Complementam ainda os segmentos de

audiovisual e de “outros” que representam, respectivamente, 22% e 05% do total das observações no recorte realizado.

Até aqui, este trabalho concentrou-se exclusivamente na autoria dos materiais, ou seja, em que os produziu. Nas análises que seguem procura-se destacar, para além da autoria indicada, o autor de referência da obra em análise, isto é, sobre quem se fala no material analisado. Em tal esforço optou-se por alguns critérios para a identificação dos/as autores/as de referência, quais sejam: i) o nome indicado no título ou no subtítulo da obra, ii) o nome indicado no resumo, se houvesse, iii) o nome indicado em título de capítulos, subcapítulos ou equivalentes, e iv) trecho destacado do material no qual se faz referência ao/à autor/a e/ou às suas contribuições.

Embora presente, sobretudo nas últimas décadas, como sugerem os gráficos e tabelas identificados com os números 02 e 03 dos momentos iniciais desta análise, os documentos analisados revelam, a partir de uma incursão mais profunda, que as referências a autores/as neles contidos, em sua grande maioria, referem-se ao seu gênero masculino, ainda que na autoria haja a presença de autoras. O Gráfico 07 e a Tabela 07, que seguem, procuram evidenciar as referências a autoras nos materiais objeto desta pesquisa.

Gráfico 07 – Referência a autoras em materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Tabela 07 – Referência a autoras em materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

Autor (nome)	Referência
Queiroz, Maria Isaura Pereira de	2
Arendt, Hannah	1
Gohn, Maria da Glória	1
Gonzales, Lélia	1
Gouveia, Aparecida Joly	1
Haraway, Dona	1
Muller, Sílvia Ambrósio Pereira	1
Nascimento, Maria Beatriz	1
Scherer-Warren, Ilse	1
Strathern, Marilyn	1
Tozoni-Reis, Marília Freitas de Campos	1
Total	12

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Com a intersecção dos dados sobre a autoria e sobre a referência dos materiais, é possível perceber que, embora haja verdadeiramente a construção do espaço do gênero do recorte desta pesquisa, o conteúdo que é mobilizado nesta construção pouco faz alusão a autoras, ou seja, pouca é a presença do gênero feminino enquanto referencial intelectual de produção acadêmica. O cruzamento das informações de autoria com os/as autores/as de referência revela que apenas 05% de todo o acervo analisado tem mulheres como autoras referidas, conforme evidencia o Gráfico 07, acima.

Ainda sobre a mesma representação, merece uma análise mais detida os percentuais lá verificados para bem compreender o fenômeno em destaque, pois 61% das observações dizem respeito a materiais nos quais o gênero feminino está ausente tanto na autoria quanto nas referências teóricas ou conceituais. Já em 27% dos documentos analisados há a presença feminina na autoria do documento – exclusiva ou não –, entretanto não aparece, novamente, enquanto referência teórico-conceitual. Os 07%, por sua vez, que completam o aludido gráfico refere-se a documentos elaborados por instituições e afins e que também não tem mulheres em seus referenciais teórico-conceituais.

Já na Tabela 07, que complementa o gráfico que a antecede, está registrado o nome das autoras que apareceram como referência teórica ou conceitual nos materiais analisados. Os 11 (onze) nomes que ali constam constituem um universo de 132 (cento e trinta e dois) autores/as identificados, o que representa aproximadamente 08,3% do total de indivíduos. Ainda, registra-se que foram contabilizadas 248 (duzentas e quarenta e oito) referências ou citações, o que implica concluir que há menos espaço do gênero feminino em comparação ao masculino, posto que um/a mesmo/a autor/a ou obra pode ter

servido de referência mais de uma vez. A figura 02, na sequência, procura representar autores/as identificados/as conforme a quantidade de referências contabilizada.

Figura 02 – Autores/as mais referenciados/as nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental com uso do sítio <https://www.wordart.com>

Na Figura 02, utiliza-se da representação por meio da “nuvem de palavras”, em que constam e ganham maior destaque (tamanho) as autoras, em verde, e autores, em vermelho, que foram identificados como referências teórico-conceituais no acervo de materiais analisados. Cumpre esclarecer que, para três agrupamentos de autores/as, a opção foi a de manter como usualmente são referidos, quais sejam, Escola de Frankfurt, Escola de Chicago e a Filosofia Clássica (gregos), embora não se verifique prejuízo na análise, pois em todas há predomínio do gênero masculino nos seus quadros.

Relevante, todavia, é ressaltar o nome de Maria Isaura Pereira de Queiroz, única representante do recorte analítico desta pesquisa a figurar mais de uma vez entre os referenciais teóricos ou conceituais mais utilizados nesta Licenciatura, embora seja necessário, como sugere a Figura 02, muita acuidade visual para que não se disfarce sua presença em meio a tantos representantes do gênero contrário.

Em complemento, a Tabela 08, abaixo, contém a relação dos/as autores/as cuja referência foi contabilizada na referida apuração, sendo indicado o número total de ocorrências. O recorte bem explicita a ocupação dos espaços no campo científico em destaque ao longo do tempo, pois são teorias e conceitos que hodiernamente são mobilizados para interpretação dos fenômenos sociais.

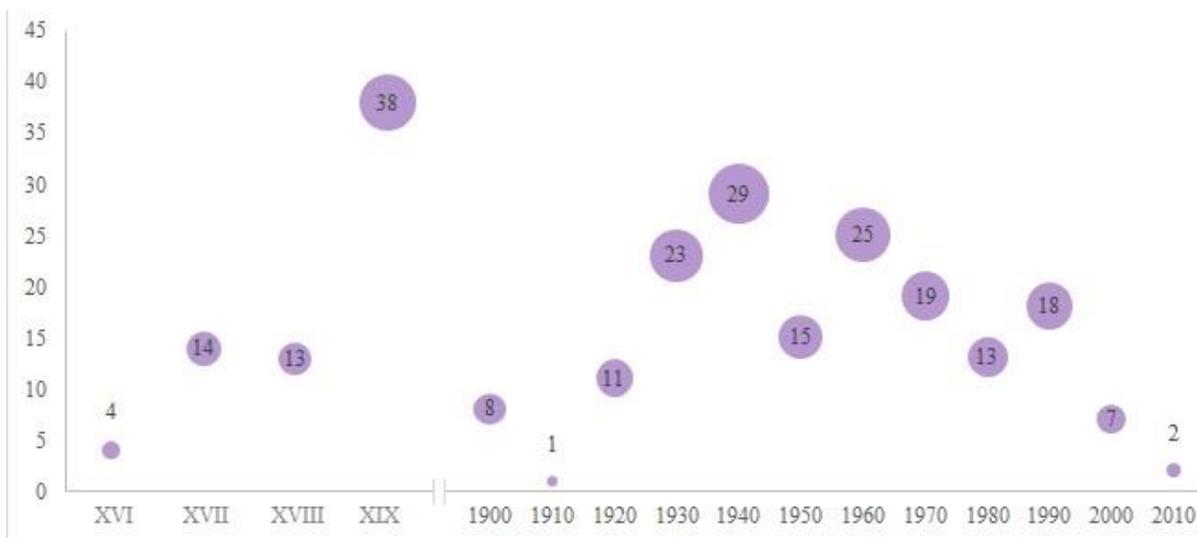
Tabela 08 – Total de referências a/à autores/as nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023

Citações	Referência
9	Marx
8	Durkheim, Foucault
7	Escola de Frankfurt e Gregos (clássicos)
6	Hobbes e Piaget
5	Fernandes, Rosseau, Vygotsky
4	Freud, Freyre, Locke, Maquiavel, Wallon e Weber
3	Escola de Chicago, Freire, Furtado, Giddens, Holanda, Nabuco, Parsons, Prado, Quesnay, Skinner
2	Appel, Bourdieu, Braudel, Castells, Dewey, Elias, Faoro, Giroux, Hegel, Itard, Kant, Keynes, Melucci, Pierucci, Prebisch, Queiroz , Santos, Tarrow, Touraine, Tyler, Viana, Young.
1	Althusser, Arendt , Azevedo, Bacon, Bastide, Bernstein, Bhabha, Boas, Bobbio, Bordenave, Carvalho, Clifford, Comte, Descartes, Domhoff, Dubet, Espinosa, Fausto, Feuerbach, Friedrich, Fromm, Gohn , Gonzelez , Gouveia , Gramsci, Gusfield, Haraway , Heberle, Heidegger, Hobsbawn, Hoffer, Hume, Ianni, Kierkegaard, Killian, Kornhauser, Kroeber, La Blache, Leal, Leibniz, Lienhardt, Lipset, Luhmann, Lukács, Mannheim, Marcuschi, Merton, Miliband, Monesquieu, Muller , Nascimento , Nietzsche, Nina Rodrigues, Norgaard, Pascal, Pereira, Pierson, Pinto, Polanyi, Poulantzas, Przeworski, Ratzel, Ribeiro, Ricardo, Ricci, Ringer, Rudolf, Schön, Schopenhauer, Schrer-Warren , Scott, Selznick, Silva, Skliar, Smelser, Smith, Souza, Strathern , Sunkel, Teixeira, Tozoni-Reis , Turner, Tylor, Wittgenstein.

Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

Por esta mesma senda, outro importante ponto a ser destacado quanto às referências diz respeito ao seu momento histórico, no Gráfico 08 abaixo apresenta-se uma linha de tempo.

Gráfico 08 – Total de referências por século e década nos materiais observados no currículo do curso de Ciências Sociais UFRGS-EAD no período de 2018 a 2023



Fonte: elaboração pelo autor a partir da pesquisa documental

No Gráfico 08 procurou-se representar, a partir das citações identificadas, o momento histórico ao qual pertence o surgimento daquelas referências. Com a utilização da data da primeira edição da obra foi possível construir uma linha temporal aproximada que se estende desde o século XVI até a década de 2010 do presente século. Registra-se, todavia, que na aludida representação foram excluídas 07 (sete) referências à Filosofia Clássica (gregos), a fim de viabilizá-la visualmente, embora não se deva desprezar esses dados. Nota-se que há um expressivo incremento no volume a partir dos anos de 1930. Da mesma forma, o século XIX é o lugar onde repousa o maior número de referências identificadas, 38 (trinta e oito) nos materiais analisados.

Os dois marcos temporais referidos não são mero acaso, mas representam, no primeiro caso, o período de institucionalização da disciplina das Ciências Sociais no Brasil, ou seja, o reconhecimento deste campo de conhecimento e a consequente instituição dos primeiros cursos acadêmicos no Brasil. Já o segundo momento histórico, o século XIX, é o período sobre o qual advém grande parte do pensamento clássico das Ciências Sociais e que também conformaram inicialmente este campo científico, sobretudo na Europa.

Por fim, cumpre informar que a categorização dos materiais por orientação de leitura (obrigatória, complementar e alternativa) não apresentou variações significativas que pudessem implicar interpretações no principal recorte analisado (gênero), de tal sorte que se deixa de apresentar representações por orientação de leitura.

4 CONCLUSÕES

A partir dos objetivos propostos neste estudo e, principalmente, com a coleta, a organização e a interpretação dos dados obtidos por meio da técnica da análise documental foi possível construir alguns entendimentos sobre o fenômeno social que se pretendia conhecer. Neste sentido, perpassa-se novamente pelos objetivos e hipóteses inicialmente elencados, todavia, agora em contraste com as análises empreendidas na seção precedente deste trabalho, para, ao final, conhecer melhor o espaço dedicado à contribuição de autoras das Ciências Sociais neste currículo (objetivo geral).

Neste esforço cumpre, primeiramente, analisar a proporcionalidade garantida ao gênero feminino nos materiais, sobretudo os textos trabalhados nas diversas disciplinas. A análise conjunta das tabelas 02 e 03, que registram o histórico da presença feminina na totalidade dos materiais e exclusivamente nos componentes das Ciências Sociais, indica percentuais de 36% e 30%, respectivamente. Ou seja, em linhas gerais o gênero feminino ocupa, aproximadamente, a terça parte do currículo.

Todavia, como sugerem os Gráficos 02 e 03 a distribuição temporal desta presença não é uniforme, já que somente nas décadas recentes é que se pode verdadeiramente referir que há certa equivalência entre os gêneros. Pode-se inferir das aludidas representações, portanto, que houve um quase absoluto predomínio de, pelo menos, um século do gênero masculino, sobretudo no período de consolidação deste campo científico, na produção e divulgação de conhecimento.

Em avanço, buscou-se também nesta pesquisa evidenciar as diferenças entre os campos de conhecimento que conformam as Ciências Sociais no que se refere ao tratamento dados às autoras. O Gráfico e a Tabela 04 permitiram conhecer como se distribui a participação do gênero feminino nos diferentes campos que compõem as Ciências Sociais como também os demais que conformam esta Licenciatura. Como já referido, a Antropologia parece ser o campo que melhor oportuniza, ou mesmo atrai, autoras.

Por outro lado, destacam-se negativamente as disciplinas de Sociologia e de Ciência Política, notadamente por serem áreas que, junto da Antropologia, instituem o campo das Ciências Sociais. Notadamente a área de Sociologia fica aquém – 27% – dos percentuais verificados na primeira análise, o que indica parecer o espaço menos oportunizado, ou atrativo, para autoras. Por seu turno, o percentual verificado em Ciência

Política demonstra um comportamento semelhante ao da totalidade do currículo, ou seja, não destoante das linhas gerais, embora com baixa representatividade do gênero.

Uma terceira especificidade que se procurou evidenciar nesta pesquisa foram os meios pelos quais a construção do espaço feminino foi mais efetiva, procurando indicar quais os instrumentos (publicações, audiovisual, revistas científicas etc.) foram os mais utilizados. Os Gráficos e Tabelas numeradas de 05 a 06 deram conta de indicar que, dentro das relações de gênero, a modalidade “Artigo” é que possibilitou o maior acesso para a produção por autoras.

Ademais, foi o tipo de material no qual se verificou a maior produção acadêmica do gênero do recorte, totalizando 99 (noventa e nove) produções, que correspondem a 38% do total de materiais. Publicações apareceram na sequência com 35%, já que se contabilizaram 92 (noventa e dois) documentos deste tipo. Complementam a lista, os audiovisuais e outros materiais com 22% e 5%, respectivamente. Importante ressaltar o direcionamento para o “Artigo”, já que não reflete o que é observado em linhas gerais: preferência para as publicações.

Uma das hipóteses inicialmente aventadas sobre a percepção de ausência de autoras no currículo desta Licenciatura foi a de haver um enfoque demasiado no pensamento clássico nas diversas áreas de saber, recorte histórico marcado pela negação do direito à educação para as mulheres. Esta hipótese talvez seja complexa demais para ser esgotada, já que a própria delimitação do que é clássico ou não depende de definições que excedem o propósito do trabalho empenhado.

Todavia, para que não se abandone a proposição sem que haja minimamente um confronto com os dados coletados e organizados desta pesquisa, no Gráfico 08 buscou-se representar os/as autores/as mais referenciados nos materiais analisados ao longo do tempo, ou seja, aqueles que foram nominados como referência teórica ou conceitual. A comparação com o Gráfico 02 que, de maneira semelhante, representa a autoria das produções do gênero no tempo, dá indícios de que realmente há um distanciamento temporal entre quem fala e sobre as ideias e autores de quem se fala, ou seja, pode-se inferir um certo privilégio ao pensamento “clássico”, que ainda é sobremaneira mobilizado.

Por esta mesma senda, outra hipótese levantada era sobre a possibilidade de as mulheres estarem, nas Ciências Sociais, galgando espaços por instrumentos diferentes das teorias e conceitos, que poderiam conferir maior notoriedade no campo. A constatação a respeito dos “Artigos” pode responder parcialmente a proposição enquanto caminho mais

acessível ou preferível, mas o verificado no Gráfico 07 e, sobretudo na Figura 2, alerta que, mesmo que presentes no campo ainda são pouco mobilizadas.

Repassados os objetivos específicos e as hipóteses aventadas pode-se, por fim, responder ao objetivo geral desta pesquisa, qual seja: investigar o espaço dedicado à contribuição de autoras no currículo das Ciências Sociais. Fundamentado nos dados coletados e organizados bem como na análise documental, é possível indicar que:

- a) o espaço dedicado (histórico) é a terça parte do total, embora se possa verificar que atualmente já exista um certo equilíbrio a depender do componente curricular analisado;
- b) o componente Antropologia é o que proporciona, com fulcro nos dados e nos limites desta pesquisa, maior visibilidade;
- c) o tipo de material “Artigo” parece ser o mais acessível ou preferido para a produção acadêmica, embora deva-se considerar que, em verdade, a análise recai sobre a escolha do/a docente (que selecionou o material) e não propriamente sobre a decisão dos/as autores/as;
- d) o enfoque demasiado nos/as autores/as “clássicos/as” tem força explicativa sobre a percepção de ausência do gênero feminino, embora seja demasiado complexa a definição deste recorte de tempo e;
- e) mesmo que presentes, as autoras ainda são pouco mobilizadas enquanto referencial teórico ou conceitual.

Ainda que se possa afirmar tais resultados, não há dúvida de que a principal limitação deste estudo diz respeito ao seu objeto. Tornar um único currículo de curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesmo que na sua integralidade, impede sobremaneira de serem feitas generalizações sobre o possível comportamento dentro do campo científico que se buscou evidenciar nesta pesquisa, pois as práticas acadêmicas podem não ser uniformes – e provavelmente não são – a depender de como outras instituições científicas pensam e organizam a trajetória de formação.

Além disso, um segundo ponto que deve ser reconhecido como limitação refere-se à categorização, pois, se aos primeiros movimentos pareciam ser agrupamentos e nomeações simples de serem pensados e executados, com o desenvolvimento do trabalho de coleta e, principalmente, de organização dos dados exigiu sobremaneira reflexão para seu ordenamento e incorreu-se no uso da discricionariedade, ou seja, na arbitrariedade de

definição de categorias e de critérios de alocação que podem exceder à objetividade necessária de um típico estudo científico.

Importante também destacar como limitação desta pesquisa a própria categorização de gênero. Centralizar o gênero de recorte de análise (feminino) implica, invariavelmente, o apagamento não intencional de outras formas de identidade existentes. Da mesma forma a própria delimitação dos indivíduos em categorias a partir de elementos fenótipos ou, mais restritivamente, a partir do seu nome próprio representa uma limitação que merece ser registrada, já que esta pesquisa poderia apontar para outros resultados fossem considerados outras formas de categorização e de alocação.

Em que pesem as limitações apontadas, o contexto atual – notadamente as recentes tecnologias de informação e comunicação em educação – é oportuno para pesquisas do mesmo perfil aqui apresentada. O desenvolvimento das plataformas virtuais de ensino permite o acesso a qualquer tempo dos materiais disponibilizados que compõem as trajetórias disciplinares, viabilizando, além da comparação, a composição do quadro que melhor possa definir o campo das Ciências Sociais nas suas especificidades.

Avançar a pesquisa para além das bibliografias complementares, essenciais, básicas etc. indicadas em documentos normativos como, por exemplo, os Planos de Ensino, permite superar as análises que se fundamentam no inventário de autores/as que, em verdade, podem nem sequer serem mobilizados na trajetória de formação, por outro lado, pode-se também acabar por reconhecer outros que surgiram na trajetória sem que, inicialmente, tenham sido elencados em documentações oficiais.

Esta pesquisa concentrou-se, exclusivamente, no curso de Licenciatura de Ciências Sociais, modalidade de ensino a distância, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todavia, acredita-se ser possível expandir este recorte para além do curso, bem como para além dos limites da referida Universidade, a fim de se verificar se os resultados aqui conhecidos têm condão de representar a prática universitária deste campo de pesquisa no tempo presente.

5 REFERÊNCIAS

BLAY, Eva Alterman e Conceição Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n° 76, fev. p. 50-56, 1991.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A causa da ciência: como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política e Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143-161, set. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

ELMASRI, Ramez; NAVATHE, Shamkant B. **Sistemas de banco de dados**. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

FALCO, Javert Guimarães; MEDEIROS JR., Roberto José. **Estatística**. Curitiba: Instituto Federal Paraná, 2012.

GOODSON, Ivor Frederick. Etimologias, epistemologias e o emergir do currículo. In _____. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 2018.

IKEMATU, R.S. Gestão de metadados: sua evolução na tecnologia da informação. **DataGramZero**, v.2 n.6, p.1-5, 2001.

JUNQUEIRA, Marili Peres. O ensino de sociologia e o gênero e a sexualidade. In BRUNETTA, Antônio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo

Pinheiro. **Dicionário do ensino de sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, Bogotá, v. 14, n. 2, p. 55-73, jul. - dez. 2015.

LIMA Jr., Eduardo Brandão et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v.20, n.44, p. 36-51, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta (org.). **Gênero e saúde**; Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 7-18.

MARÍAS, Julián. **A mulher no século XX**. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

MARIE CURIE – Photo gallery. **NobelPrize.org**. Nobel Prize Outreach AB 2022. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/physics/1903/marie-curie/photo-gallery/>, acesso em 01 dez. 2022.

MOCELIN, Daniel. O currículo pelos professores: práticas de ensino de Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre. **Revista Latitude**, v.15, edição especial, jan., 2021, p. 62-89.

OLIVEIRA, Anay Stela; KNÖNER, Salette Farinon. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Humus**, São Luís, n. 1, jan. – abr. 2011.

RONDINELLI, Rosely Curi. Fidedignidade e autenticidade do documento eletrônico: uma abordagem arquivística. In: **INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 471-483.

SAFIOTTI, Heleieth I. B. Gênero e patriarcado In CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVERIA, Suely de (Org.). **Marcadas a ferro: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul. – dez. 1995.

SOUZA, José Edimar; GIACOMONI, Cristian. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, São Paulo, série 2, v. 32, n. 1, jun. 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo, Cultura e Sociedade. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 5, n. 9, p. 157-171, jul.-dez. 2004.

6 ANEXOS

6.1. ANEXO A – COMPONENTES CURRICULARES

Etapa	Código	Componente
1	DILAD054	Instrumentalização para a Educação a Distância
1	DILAD058	Introdução à Filosofia
1	DILAD005	Leitura e Produção Textual
1	DILAD057	Sociologia: Fundamentos
1	DILAD055	Antropologia: Fundamentos
1	DILAD056	Ciência Política: Fundamentos
1	DILAD059	Seminários Integradores I
		07 (sete) componentes
2	DILAD064	História Geral
2	DILAD062	Teoria Sociológica Contemporânea
2	DILAD061	Teoria Política Contemporânea
2	DILAD060	Teoria Antropológica Contemporânea
2	DILAD063	Economia Política
2	DILAD065	Seminários Integradores II
		06 (seis) componentes
3	DILAD067	Pensamento Político Brasileiro
3	DILAD069	História do Brasil
3	DILAD070	Epistemologia e Metodologia das Ciências Sociais
3	DILAD071	Seminários Integradores III
3	DILAD066	Antropologia Brasileira
3	DILAD068	Sociologia Brasileira
		06 (seis) componentes
4	DILAD072	Filosofia da Educação
4	DILAD073	Geografia Humana
4	DILAD012	História da Educação
4	DILAD074	Economia Brasileira
4	DILAD075	Pesquisa Social, Métodos e Técnicas Qualitativas
4	DILAD019	Sociologia da Educação
4	DILAD076	Seminários Integradores IV
		07 (sete) componentes
5	DILAD013	Psicologia da Educação
5	DILAD077	Abordagens e Práticas em Educação Especial
5	DILAD078	Teorias do Currículo
5	DILAD079	Estatística Aplicada à Pesquisa em Ciências Sociais
5	DILAD080	Educação: Didática, Planejamento e Avaliação
5	DILAD081	Seminários Integradores V
5	DILAD095	Movimentos Sociais, Democracia e Ação Coletiva *
		07 (sete) componentes
6	DILAD025	Políticas Educacionais e Legislação
6	DILAD083	Ensino de Ciências Sociais na Educação Básica

6	DILAD082	História e Cultura Afro-Brasileiras e Indígena
6	DILAD085	Pesquisa Educacional
6	DILAD084	Língua Brasileira de Sinais
6	DILAD094	Estrutura de Classe, Estratificação Social e Pobreza *
6	DILAD086	Seminários Integradores VI
		07 (sete) componentes
7	DILAD087	Projeto Pedagógico e Organização e Gestão do Trabalho Escolar
7	DILAD088	Educação, Ambiente e Sociedade
7	DILAD089	Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
7	DILAD090	Estágio de Docência I
		04 (quatro) componentes
8	DILAD091	Seminários Integradores VII
8	DILAD092	Estágio de Docência II
		02 (dois) componentes
		46 (quarenta e seis) componentes curriculares

* componentes eletivos

6.2. ANEXO B – NÚCLEOS CURRICULARES

Núcleo	Componente Curricular
Núcleo interdisciplinar e de complementação temática	Introdução à Filosofia História Geral Economia Política História do Brasil Geografia Humana Economia Brasileira
Núcleo prático: formação do professor	Seminários Integradores I Seminários Integradores II Seminários Integradores III Seminários Integradores IV Seminários Integradores V Seminários Integradores VI Seminários Integradores VII Estágio de Docência I Estágio de Docência II
Núcleo técnico EAD	Instrumentalização para a Educação a Distância Leitura e Produção Textual
Núcleo teórico, conceitual e temático: Antropologia	Antropologia: Fundamentos Teoria Antropológica Contemporânea Antropologia Brasileira
Núcleo teórico, conceitual e temático: Ciência Política	Ciência Política: Fundamentos Teoria política Contemporânea Pensamento Político Brasileiro Movimentos Sociais, Democracia e Ação Coletiva Estrutura de Classe, Estratificação Social e Pobreza
Núcleo teórico, conceitual e temático: Ciências Sociais	Epistemologia e Metodologia das Ciências Sociais Pesquisa Social, Métodos e Técnicas Qualitativas Estatística Aplicada à Pesquisa em Ciências Sociais

	<p>Ensino de Ciências Sociais na Educação Básica</p> <p>História e Cultura Afro-Brasileiras e Indígena</p> <p>Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso</p>
<p>Núcleo teórico, conceitual e temático: Educação</p>	<p>Filosofia da Educação</p> <p>História da Educação</p> <p>Psicologia da Educação</p> <p>Abordagens e Práticas em Educação Especial</p> <p>Teorias do Currículo</p> <p>Educação: Didática, Planejamento e Avaliação</p> <p>Políticas Educacionais e Legislação</p> <p>Pesquisa Educacional</p> <p>Língua Brasileira de Sinais</p> <p>Projeto Pedagógico e Organização e Gestão do Trabalho Escolar</p> <p>Educação, Ambiente e Sociedade</p>
<p>Núcleo teórico, conceitual e temático: Sociologia</p>	<p>Sociologia: Fundamentos</p> <p>Teoria Sociológica Contemporânea</p> <p>Sociologia Brasileira</p> <p>Sociologia da Educação</p>